

BULLYING E EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: CARACTERÍSTICAS, CASOS, CONSEQÜÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Bullying and physical education in school: characteristics, cases, consequences and strategies of intervention

Rafael Guimarães Botelho¹, José Maurício Capinussú de Souza²

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a problemática do *bullying* no âmbito escolar da Educação Física. Para tanto, foi realizado um estudo exploratório que utilizou pesquisa bibliográfica. O fenômeno *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas (de maneira insistente e perturbadora), que ocorrem sem motivação evidente e de forma velada, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder. Este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas. Com relação às maneiras que os alunos se envolvem com o *bullying*, eles são classificados em alvos, alvos/autores, autores e testemunhas. Considera-se, como uma primeira estratégia, a identificação desses casos por parte do corpo docente de educação física. Para a identificação, o primeiro ponto é analisar quais papéis os alunos representam, ou seja, como os alunos se envolvem com o *bullying*. Uma vez identificados, um bom recurso para combatê-lo é aplicar conceitos da ética e da axiologia às atividades desenvolvidas em aulas de educação física. Outras estratégias relevantes para a prevenção desse fenômeno seriam a elaboração e a utilização, em aulas de educação física, de materiais impressos, como livros infantis, infanto-juvenis, gibis e literatura de cordel, que discutam criticamente o *bullying*. Conclui-se que, na área da educação física, não há indícios da existência de programas educacionais brasileiros voltados para a

identificação, prevenção e controle deste tipo de violência. Por este motivo, é necessário que o professor de educação física desenvolva estratégias para prevenção desse fenômeno durante toda a educação básica, desde a educação infantil até o último ano do ensino médio.

Palavras-chave: *Bullying*, Violência, Agressão, Estratégias de Intervenção, Educação Física na Escola.

Abstract

The aim of this article is to discuss the problematic of bullying in school physical education. Was realized an exploratory study which utilized bibliographic research. Bullying includes all forms of aggressive attitudes, intentional and repetitive (in an insistent and disturbing manner), that occur without any evident motivation and in a veiled way, being applied by one or more students against other(s), in an unequal relation of power. This phenomenon manifests itself in a subtle manner, such as plays, jokes, nicknames, tricks and physical aggressions. In relation to the manner the students get involved in bullying, they can be classified as victims, victims/authors, authors and witnesses. It's considered, as first strategy, the identification of these cases by teachers of physical education. To this identification, a point to be considered is to analyze which roles the students play, that is, how the students get involved in bullying. Once identified, a good resource to avoid it is to apply concepts of ethics and axiology to the activities developed in classes of physical education. Some other relevant strategies to the prevention of this phenomenon

1. Universitat Autònoma de Barcelona - Bellaterra - Barcelona - Espanha.

2. Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) - Niterói - RJ - Brasil.

Recebido em 10.08.2007. Aceito em 15.10.2007.

Revista de Educação Física 2007;139:58-70

could be the elaboration and utilization, in physical education classes, of print materials, like books to children and teenagers, comic strips, cordel literature, which discuss bullying critically. There are no Brazilian educational programs, in physical education area, related to the identification, prevention and control of bullying. Because

of it, it is necessary that teachers of physical education develop strategies of prevention during all basic education, since elementary school till the last year of high school.

Key words: Bullying, Violence, Aggression, Strategies of Intervention, Physical Education in School.

INTRODUÇÃO

Nas distintas idades da humanidade, a violência pode ser caracterizada como um problema crônico e recorrente. Ao se eleger um assunto que ocupe, atualmente, um lugar especial nas conversas cotidianas, poder-se-ia apontar, sem medo de errar, a agressão e a violência humana. Estas, sem dúvida, são os assuntos mais veiculados em manchetes de jornais e revistas, em programas de televisão e de rádios, em filmes e em livros de sucesso (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2000).

Infelizmente, cenas de assaltos, guerras, seqüestros, ofensas, brigas, atos de vandalismo e crimes já se tornaram naturais em muitos países, sociedades e regiões, não importando mais o ambiente (familiar, escolar, social, hospitalar ou religioso), a idade (bebês, crianças, jovens, adultos ou idosos), o sexo, as condições sociais (classes baixa, média ou alta), psicológicas e físicas (portadores ou não de necessidades especiais) das pessoas.

Assim, a violência é um mal a ser entendido sob uma óptica multifatorial e, nesta perspectiva, deve ser analisada por diferentes profissionais, como filósofos, sociólogos, biólogos, psicólogos, cientistas políticos, juristas, psiquiatras e professores.

Em âmbito escolar, são diversas as manifestações de violência: algumas são direcionadas a professores e a funcionários; outras, a alunos. No entanto, há uma forma de violência, normalmente velada, que ocorre geralmente entre os próprios alunos.

Hoje, sabe-se que essa forma de violência, não visualizada, vem se difundindo e alcançando proporções preocupantes. Por exemplo, quem já não foi vítima de apelidos pejorativos constantes, de brincadeiras agressivas na época escolar e de ser perseguido por alguns colegas, aparentemente sem justificativa alguma? Com isto, muitas crianças, perseguidas e rotuladas negativamente, são excluídas de brincadeiras, de times de futebol, de grupos de trabalho da escola, de círculos de amizades, guardando,

assim, lembranças negativas da época escolar. Este tipo de violência denomina-se *bullying*.

Em princípio, trata-se de um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhuma instituição: primária ou secundária; pública ou privada; rural ou urbana; católica, metodista, evangélica, espírita ou demais religiões. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus alunos desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo (Programa, 2005).

Pesquisa efetuada na Grã-Bretanha (Inglaterra, País de Gales e Escócia) registra que 37% dos alunos do ensino fundamental e 10% do ensino médio admitem ter sofrido *bullying*, pelo menos uma vez por semana. Por sua vez, levantamento realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), em 2002, envolvendo 5.482 estudantes de 5ª a 8ª séries, de 10 escolas do Município do Rio de Janeiro, revelou os seguintes dados: 16,9% dos alunos foram alvos de *bullying*; 10,9% foram alvos e, ao mesmo tempo, autores de *bullying*; 12,7% caracterizaram-se como autores de *bullying*; e 57,5% enquadraram-se como testemunhas de *bullying* (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

“A educação física é uma disciplina que não tem sido poupada pelas manifestações de violência e as brigas geralmente começam por motivos banais, como uma discussão por causa de uma rixa desportiva. No Rio de Janeiro, um triste exemplo a lembrar é o do estudante de classe média que, na saída de um jogo de um campeonato intercolegial de futebol, sacou uma arma e descarregou-a contra seus ex-colegas do colégio em que estudara e que o provocavam. Mais recentemente, em São Paulo, um estudante de 15 anos matou um colega dando prosseguimento a um desentendimento que começou durante a aula de educação física [...]” (Faria Junior e Faria, 1999: 376).

Nesse relato, fica claro que o problema da violência se estende a todas as disciplinas. No caso da educação física, o exemplo mostrou alguns tipos de provocação e suas

conseqüências. Será que este exemplo foi decorrência de outro tipo de violência? Fante (2005) lembra que o *bullying* gera e alimenta a violência explícita e que vem se disseminando nos últimos anos no Brasil.

Essa assertiva é confirmada pela dissertação “*Bullying: o problema do abuso de poder e vitimização de alunos em escolas públicas do Rio de Janeiro*,” de Figueira (2002), e pela tese “*Problematizando o bullying para a realidade brasileira*,” de Catini (2004), uma das primeiras do gênero no país.

Recentes livros, na área da educação física, abordam questões sobre a necessidade de uma cultura voltada para a paz (Beltrão, Macário e Barbosa, 2006; Tubino e Maynard, 2006). No entanto, quando analisados, não incluem o problema do *bullying* como uma preocupação do professor de educação física. Oliveira e Votre (2006: 173) confirmam a incipiência do tema quando mencionam que “[...] na educação física ainda não se encontra quase nada a respeito [...]”

Ciente deste problema, indaga-se: como o corpo docente de educação física lida com esse tipo de violência na escola? Quais são as suas contribuições para se evitar e se combater o *bullying*?

Dito isso, o objetivo deste artigo é discutir a problemática do *bullying* no âmbito escolar da educação física.

Para tanto, são elaboradas as seguintes questões a investigar:

- O que é e como se caracteriza o fenômeno *bullying* na escola?
- Há uma classificação para alunos que se envolvam com o *bullying*?
- Quais as conseqüências para os alunos envolvidos?
- Há casos deste fenômeno em aulas de educação física?
- Quais estratégias de intervenção poderão ser desenvolvidas pela educação física?

Espera-se, com este artigo, oferecer um pequeno referencial teórico a graduandos e a professores de educação física que se preocupam com os níveis atuais de violência que atingiram as escolas, principalmente as públicas.

MÉTODO

Este artigo caracteriza-se como exploratório, devido ao tema em tela carecer de uma maior abordagem no âmbito da educação física. Triviños (1987) lembra que o estudo exploratório permite ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de determinado problema e tema, além de aprofundar seu estudo nos limites de uma determinada realidade, buscando antecedentes, e, com isso, um maior conhecimento para planejar uma pesquisa descritiva ou do tipo experimental.

Além disso, foi utilizado o apoio da pesquisa bibliográfica, que diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras e tem por base fundamental a de conduzir o leitor a determinado assunto, tema, produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa (Fachin, 2001).

REVISÃO DA LITERATURA

Campanhas contra o *bullying*

Sem a preocupação de efetuar uma revisão exaustiva, são destacados, nesta seção, autores e campanhas internacionais e nacionais mais divulgados sobre *bullying*.

Internacionais

Os trabalhos acadêmicos internacionais passaram a disseminar conhecimentos sobre as causas de *bullying* e a investigar estratégias preventivas para este fenômeno a partir da década de 1990.

Um dos pioneiros a tratar essa questão foi Dan Olweus, que, desde o final da década de 1970, vem realizando pesquisas em escolas da Noruega, dando, mais tarde, origem à Campanha Nacional contra o *Bullying*.

Ainda na Noruega, o Ministério da Educação criou, em 1996, um programa para prevenção e controle do *bullying* – *Norwegian Program of Preventing and Managing Bullying in Schools* – que congregou um conselho de estudantes e uma rede de profissionais, ambos em cooperação com a direção escolar e a associação de pais. Uma das metas do programa é a continuidade (importância de manter-se o programa nos anos subseqüentes), além da integração entre diferentes grupos (Fante, 2005).

Por sua vez, a Inglaterra desenvolve inúmeros projetos no sentido de se evitar o *bullying*. Entre eles, ganha

destaque o inspirado na campanha norueguesa, coordenado por Peter Smith, em Sheffield. Há, também, outros programas, como o *Childline*, que coloca à disposição um telefone de ajuda para crianças; o *Kidscape*, que produz material específico sobre *bullying*; e o *Police Research Group*, que indica ações de prevenção (Fante, 2005).

Com o incentivo do Ministério da Educação, algumas universidades espanholas desenvolveram ações de prevenção contra o *bullying*. Entre elas, está a da Universidade de Sevilha, o Programa SAVE, criado em 1996 e coordenado por Rosário Ortega Ruiz, cujo objetivo é desenvolver a educação de sentimentos e de valores, além de melhorar as relações interpessoais (Fante, 2005).

Em Portugal, há vários projetos em desenvolvimento nas escolas. Um deles, bastante interessante, é o *Scan Bullying*, que discute, em *cartoons*, o problema de maus-tratos. Trata-se de uma história típica de maus-tratos em uma escola, contada nas entrevistas individuais de alunos de nove, 11 e 13 anos. Esta história, descrita em *cartoons*, indica uma sucessão de episódios: exclusão, ameaça, gozação, coerção e agressão (Fante, 2005).

Na Finlândia, o Ministério da Educação criou o projeto "Uma Confiança Sadia em Si Mesmo", com o objetivo de fortalecer a imagem que os alunos têm de si mesmos e de oferecer seminários, recursos pedagógicos, além de publicar materiais educativos visando à prevenção do *bullying* (Fante, 2005).

Nacionais

No Brasil, os primeiros livros e trabalhos acadêmicos surgiram a partir do ano 2000 (Lopes Neto e Saavedra, 2003; Catini, 2004; Constantini, 2004; Fante, 2005; Beaudoin e Taylor, 2006), como resultado de programas que combateram o *bullying*.

Nessa perspectiva, um dos programas mais divulgados é o da ABRAPIA, "Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes", realizado entre 2002 e 2003. Este programa, que contou com o patrocínio da Petrobrás, diagnosticou e implementou ações efetivas para a redução do comportamento agressivo entre estudantes de escolas localizadas no Município do Rio de Janeiro (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

Outra iniciativa brasileira que merece destaque é o "Programa Educar para a Paz", que tem como objetivos

diagnosticar o fenômeno *bullying* e aplicar estratégias psicopedagógicas para combatê-lo. É um programa que se baseia em referenciais teóricos, como os valores humanos da tolerância e da solidariedade, apresentando um esquema psicodinâmico de duas etapas gerais: etapa A – conhecimento da realidade escolar; e etapa B – modificação da realidade escolar. Cada uma destas etapas apresenta vários passos e estratégias (Fante, 2005).

Há, ainda, os programas realizados por Marta Canfield e colaboradores, no ano de 1997, em escolas de ensino público em Santa Maria (Rio Grande do Sul), e por Israel Figueira e Carlos Neto, em 2000/2001, que diagnosticou o *bullying* em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro (Programa, 2005).

Fenômeno *bullying*: histórico e definições

Cabe lembrar que o *bullying*, visto como objeto de estudo, é caracterizado como um fenômeno recente (Lopes Neto e Saavedra, 2003; Fante, 2005). No entanto, se for analisado como ato, ele já aparecia em relatos literários da vida escolar, como em "Os Dias Escolares de Tom Brown" (*Tom Brown's Schooldays*), clássico relativo à época da Rainha Vitória, na Inglaterra.

Uma consulta ao *Webster's New Collegiate Dictionary: a Merriam-Webster* (1973: 146) indica que *bully* foi "provavelmente modificado do holandês *boel* (*lover*), do Middle High German (1100 a 1500, aproximadamente), *buole*. Em sua acepção arcaica de substantivo, *bully* significava querida (*sweet heart*); um bom rapaz (*a fine chap*); a pessoa que intimida ao falar ou agir; alguém habitualmente cruel com outros mais fracos. Em sua acepção de adjetivo, significa excelente, de primeira qualidade. Por fim, em sua acepção de verbo, significa tratar com abuso; usar linguagem ou comportamento intimidador".

Esse termo, proveniente do inglês, ainda sem equivalente na língua portuguesa, apresenta várias nomenclaturas. Em países como Noruega e Dinamarca, surge a palavra *mobbing*; na Suécia e na Finlândia, aparece *mobbing*; na França, denomina-se *harcèlement quotidien*; na Itália, como *prepotenza* ou *bullismo*; no Japão, como *yjime*; na Alemanha, como *aggressionen unter shülern*; na Espanha, como *acoso y amenaza entre escolares*; e, em Portugal, como maus-tratos entre pares (Fante, 2005).

Para melhor explicar a definição de *bullying*, faz-se uma incursão à Psicologia Social, verificando que ela define agressão “como qualquer comportamento que tem a intenção de causar danos físicos ou psicológicos em outro organismo ou objeto” (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2000: 206).

Nessa definição, dois aspectos centrais são essenciais: o primeiro diz respeito à intencionalidade da ação por parte do agressor – “só se caracteriza como agressivo o ato que deliberadamente se propõe a infligir um dano a alguém” (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2000: 206); o segundo ressalta que um ato agressivo não precisa, necessariamente, ser físico – assédios sexuais e apelidos com teor depreciativo, por exemplo, geralmente podem levar à ansiedade e à depressão, causando agressão psicológica.

Existem dois tipos de ações de *bullying*, segundo Lopes Neto e Saavedra (2003:18): “ações diretas: subdivididas em físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas). E as ações indiretas (ou emocionais): relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social”.

Esses dois tipos de ações estão diretamente relacionados ao conceito de agressão. Por isso, entende-se que as principais definições sobre *bullying* têm suas bases teóricas na questão da agressão e da violência.

Bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas (de maneira insistente e perturbadora) que ocorrem sem motivação evidente e de forma velada, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder. Este fenômeno se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas (Lopes Neto e Saavedra, 2003; Fante, 2005).

O QUADRO 1 aponta algumas ações de *bullying*. Ao se observar, ver-se-á que as ações, descritas na primeira coluna e na do meio, estão relacionadas à violência psicológica; por sua vez, a última coluna indica violência física.

Principais características

Cleary (2002:3-4) aponta que o *bullying*, em geral, possui cinco características comuns:

QUADRO 1
VERBOS QUE CARACTERIZAM
AÇÕES DE *BULLYING*.

Violência Psicológica		Violência Física
Apelidar	Ignorar	Agredir
Ofender	Intimidar	Apertar
Zoar	Perseguir	Bater
Gozar	Assediar	Beliscar
Encarnar	Aterrorizar	Chutar
Provocar	Amedrontar	Cuspir
Sacanear	Tiranizar	Morder
Humilhar	Dominar	Empurrar
Fazer sofrer	Ridicularizar	Ferir
Discriminar		Roubar
Excluir		Quebrar pertences
Isolar		

(Adaptado de Lopes Neto e Saavedra, 2003: 17)

“é um comportamento deliberado (premeditado) para ofender e machucar; é repetitivo, freqüentemente durante um período de tempo; para os agredidos, é difícil se defender; para os que agridem, é difícil aprender novos comportamentos socialmente aceitos; a pessoa que pratica o *bullying* tem e exerce poder de forma inapropriada sobre a vítima.”

Classificação dos alunos envolvidos com o *bullying*

De acordo com as maneiras que os alunos se envolvem com o *bullying*, eles são classificados em quatro categorias:

_ Alvos (vítimas)

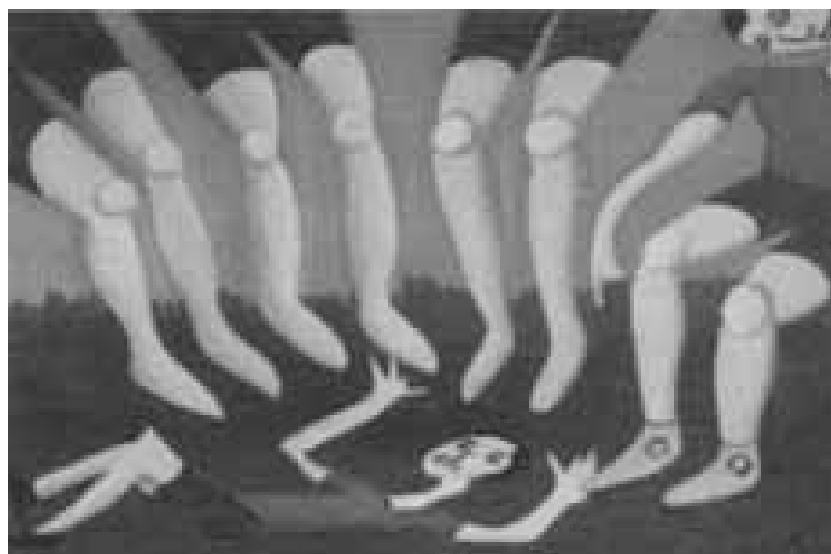
São alunos(as) que somente sofrem *bullying*. Normalmente, não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos. São, geralmente, pouco sociáveis, inseguros e têm problemas para se adequarem a grupos de alunos. Apresentam aspecto físico diferenciado dos padrões impostos por seus colegas (magro e/ou gordo) e têm pouco rendimento nos esportes e em lutas devido à coordenação motora pouco desenvolvida. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos

adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos (Lopes Neto e Saavedra, 2003; Fante, 2005; Programa, 2005).

_ Autores (agressores)

São os(as) alunos(as) que só praticam *bullying*. Os autores são indivíduos que têm pouca empatia. Além disso, são mais fortes do que seus colegas de classe, o que lhes

FIGURA 1
ALVO DE BULLYING



(Fante, 2005)

_ Alvos/autores (vítimas agressoras)

São os(as) alunos(as) que ora sofrem, ora praticam *bullying*. Habitualmente, esses alunos, que passaram por situações de sofrimento na escola, tendem a encontrar indivíduos mais vulneráveis que eles para transferir as agressões sofridas (Fante, 2005; Programa, 2005).

dá vantagem em determinadas brincadeiras, esportes e lutas. Frequentemente, pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais e/ou responsáveis exercem sobre eles uma deficitária supervisão, além de, muitas vezes, oferecerem comportamentos violentos como

FIGURA 2
ALVO/AUTOR DE BULLYING.



(Ilustração de Cristina da Cruz de Oliveira, 2007)

FIGURA 3
AUTOR DE *BULLYING*.



(Ballone, 2005)

modelo para solucionar conflitos, o que os leva a já apresentarem indícios de mau-caratismo e a adotarem condutas anti-sociais, como roubo, vandalismo e o uso de álcool e nicotina (Lopes Neto e Saavedra, 2003; Fante, 2005; Programa, 2005).

_ Testemunhas (espectadores)

São os(as) alunos(as) que não sofrem nem praticam *bullying*, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre. As testemunhas, representadas pela maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”. O medo, a dúvida sobre como agir e a falta de iniciativa da escola são fatores que acabam promovendo um clima de silêncio e de omissão nas testemunhas. O rendimento escolar destes alunos poderá decrescer, uma vez que passam a considerar a escola como um espaço inseguro (Lopes Neto e Saavedra, 2003; Fante, 2005; Programa, 2005).

Relações de gênero e *bullying*

Com relação ao gênero, os meninos apresentam uma maior frequência de envolvimento com o *bullying*: ora como autores, ora como alvos (Ballone, 2005).

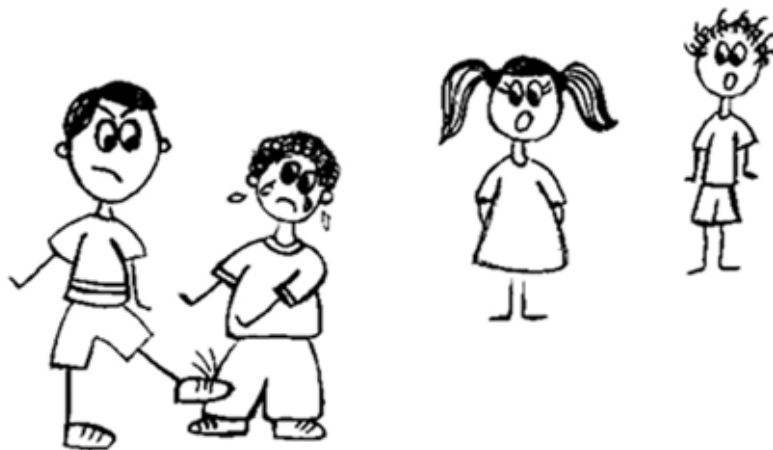
Embora com frequência diferente em relação aos meninos, o *bullying* também ocorre e se caracteriza com as meninas, principalmente como prática de exclusão ou difamação (Ballone, 2005).

Principais conseqüências do *bullying*

_ Alvos

Em geral, ficam amedrontados, estressados e com um quadro de baixa auto-estima, capacidade mínima de auto-aceitação e auto-expressão, podendo até desenvolver doenças de origem psicossomática. Muitos alunos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se

FIGURA 4
TESTEMUNHAS DE *BULLYING*.



(Ilustração de Cristina da Cruz de Oliveira, 2007)

a ir para a escola, chegando a simular doenças. Sentem-se infelizes, sofrem com o medo, desenvolvem quadro de depressão e ansiedade. Trocam de colégio com frequência e/ou abandonam os estudos. Há jovens com extrema depressão e que se sentem tão oprimidos que acabam tentando ou cometendo o suicídio. Além disto, podem atingir a vida adulta com os mesmos problemas, tendo dificuldades para se desenvolverem e se adaptarem ao ambiente de trabalho (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

_ Autores

Admite-se que os alunos que praticam o *bullying* têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e violentos (por exemplo, brigas freqüentes e lesões relacionadas a estas, porte de armas), podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinqüentes e/ou criminosas (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

_ Testemunhas

Apesar de não sofrerem as agressões, diretamente, muitos alunos podem se sentir incomodados com o que vêem e inseguros sobre o que fazer. Alguns reagem negativamente diante da violação de seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso pode influenciar negativamente sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

DISCUSSÃO

Nesta seção, são descritas algumas atividades que podem atuar diretamente na redução, no controle e, até mesmo, na prevenção de atitudes de *bullying*. Para tanto, são citados apenas os trabalhos de Puig (1999), Marques et al. (2006), Lopes Neto e Saavedra (2003), Fante (2005) e Oliveira e Votre (2006). Outros referenciais teóricos de Educação, Educação Física, Filosofia, Psicologia e Sociologia trarão, sem dúvida, contribuições para a elaboração de atividades aplicadas à Educação Física.

Casos de *bullying* relacionados à educação física e ao horário do recreio

Além do caso apresentado na introdução deste trabalho, são descritos outros não menos importantes:

Aluna da 6ª série, 12 anos:

“Minha vida escolar não é a melhor. Gosto muito dos professores, mas de umas semanas para cá andam me difamando por causa de um trabalho escolar. Estou sendo rejeitada por algumas pessoas da minha classe. Na aula de educação física, dizem que sou baixa e frágil, então não sirvo para nada...” (Fante, 2005: 35).

Dois meninos, Marcos e Paulo (nomes fictícios), portadores de deficiência mental leve, inseridos em uma turma de classe comum do ensino regular:

“Marcos começou a fazer aula normalmente em uma turma com alunos da idade dele. Ele é da classe

FIGURA 5
BULLYING ENTRE MENINOS.



(Ballone, 2005)

especial da escola; os demais alunos da turma, ditos normais, já o conheciam, pois ele é irmão de uma das alunas da turma. A aula de educação física iniciou bem, mesmo porque fiz questão de dizer a todos que na aula daquele dia havia dois colegas da classe especial que iriam fazer aula junto com a turma. Aconteceu que o Marcos não fez questão de participar das atividades junto com os outros da turma. No momento em que propus um jogo para a turma, vi que todos jogaram, menos Marcos, que não quis jogar. Vi, também, que sua irmã parou de jogar e resolveu brincar de corda com ele e mais uma colega. Paulo, por outro lado,

interessou-se pelo jogo, do qual tentava participar ativamente. Mas a situação de normalidade no jogo durou pouco, porque assim que o time percebeu que Paulo era diferente e que, durante o jogo, não conseguia respeitar as regras, constatou que ele é portador de deficiência mental. Os alunos começaram a rir dele e chacoteá-lo e, como no time em que ele estava jogando os colegas estavam perdendo e não conseguiam jogar, começaram a provocar-me, sem esconder a rejeição e o preconceito, dizendo: - a senhora trouxe um maluco para cá? Põe o maluco pra fora! A aula não é para maluco. Foi então que Paulo, que tem um grau de

FIGURA 6
BULLYING ENTRE MENINAS.



(Ballone, 2005)

deficiência quase imperceptível, veio queixar-se a mim, dizendo que eles, longe das professoras, só o chamavam pelos termos maluco e doidinho” (Oliveira e Votre, 2006: 192-193).

Outro ponto em que o professor de Educação Física deverá ter atenção é para a manifestação verbal de *bullying*.

“A título de ilustração do caráter criativo e imagético do *bullying*, citamos o caso de uma menina, de boca acima do tamanho normal, que é chamada de vaso sanitário; de um garoto orelhudo, chamado de fusquinha de portas abertas; do garoto narigudo, que é o tromba de elefante; do menino portador de olheira funda, que é chamado de morreu; dos garotos com trejeitos afeminados, que são chamados de pit bitoca; das meninas com alguns traços masculinos, que são apelidadas de sapata, além dos apelidos clássicos, como Maria João” (Oliveira e Votre, 2006: 175).

Para completar a lista acima, citamos o menino que tem um nariz acima do tamanho normal, caracterizado como ladrão de oxigênio; a menina com boca acima do normal, chamada de boca de caçapa; e o garoto orelhudo, apelidado de Dumbo. Crianças que tenham a cabeça grande ou até com problemas genéticos (por exemplo, hidrocefalia) são apelidadas de cabeça de nós todos, e as que têm excesso de peso, são alcunhadas de Casas da Banha (nome de antiga rede de supermercados). Sabe-se que estes apelidos pejorativos são criados baseando-se em aspectos culturais e são circunscritos a determinadas épocas e regiões.

Veja o exemplo de uma aluna da 5ª série, 11 anos:

“Minha vida na escola é muito triste porque meus colegas me colocam apelidos de que não gosto. Me chamam de ‘sarnenta’, ‘feia’, ‘piolhenta’ e outras coisas. Gostaria que parassem com isso, não agüento mais tanta humilhação...” (Fante, 2005: 35).

Outro momento no interior da escola em que há manifestações de *bullying* é o horário do recreio. Sabe-se que este é um período em que ocorrem os seguintes problemas: não há supervisão dos professores; há um acúmulo de várias turmas e, conseqüentemente, alunos de diferentes idades dividem o mesmo espaço; quando há inspetor de supervisão, normalmente estão em número reduzido para o contingente de alunos; em muitas escolas, não há atividades orientadas durante o recreio; e há jogos com bola na quadra (futebol é o mais comum) sem nenhum tipo de supervisão. Com isso, ocorrem diversas manifestações de agressão, sendo o *bullying* uma delas. Veja o caso de uma aluna da 3ª série, nove anos:

“Meu dia na escola é dez, mas, quando vou brincar no recreio, sempre sou ameaçada por vários meninos e não posso brincar. E, se eu contar para algum dos funcionários, apanho dos meninos. Por isso, tenho muito medo. Mesmo quando não sou ameaçada por ninguém, eu sinto muito medo por todos os lados que passo. Chego até a passar mal quando sou ameaçada pelos meninos e meninas...” (Fante, 2005: 34-35).

Estratégias didáticas de intervenção da educação física

O que fazer com os casos de *bullying* descritos?

QUADRO 2
ATIVIDADES COM ENFOQUE NA
ÉTICA E NA AXIOLOGIA QUE PODEM
SER APLICADAS PELA EDUCAÇÃO
FÍSICA PARA COMBATER O *BULLYING*.

Construir a identidade moral

Clarificação de valores

Exercícios autobiográficos

Aquisição de critérios de juízo moral

Discussão de dilemas morais

Exercícios de *role-playing*

Desenvolvimento das capacidades de compreensão crítica

Compreensão crítica

Enfoques socioafetivos

Fomentar as disposições para a auto-regulação

Exercícios de auto-regulação

Reconhecer e assimilar valores universalmente desejáveis e informação moralmente relevante

Exercícios de *role-model*

Exercícios de construção conceitual

Reconhecer e valorizar o pertencer às comunidades de convívio

Habilidades sociais

Resolução de conflitos

Atividades informativas

(Puig, 1998)

Uma primeira estratégia a ser considerada é a identificação desses casos por parte do corpo docente de educação física.

Para a identificação, um primeiro ponto é analisar que papéis os alunos representam, ou seja, como os alunos se envolvem com o *bullying*: eles são alvos? Eles são autores? São alvos e autores? São apenas testemunhas? Segundo Fante (2005: 75), há uma série de perguntas (procedimentos interrogativos) para identificar o real papel dos envolvidos.

Uma vez identificados, um bom recurso para combatê-los é aplicar conceitos da ética e da axiologia (estudo dos valores) às atividades desenvolvidas em aulas de educação física. O QUADRO 2 apresenta finalidades e tipos de atividades de cunho ético e axiológico que podem ser utilizados pelo professor de educação física.

Para exemplificar como desenvolver estas atividades em aulas de educação física, utiliza-se um exemplo relacionado à atividade de clarificação de valores. Esta tem “como principal objetivo facilitar a tomada de consciência dos valores, crenças e opções vitais de cada pessoa” (Puig, 1998: 35).

O professor deve eleger um caso de *bullying* que tenha ocorrido durante sua aula e, imediatamente, utilizar a atividade de clarificação de valores. Nesta atividade, sugere-se o uso das perguntas clarificadoras, ou seja, um tipo de exercício de clarificação de valores que estimula o aluno a esclarecer seus pensamentos e suas condutas. Eis algumas perguntas clarificadoras que devem ser utilizadas com os alunos envolvidos (de preferência na frente da turma):

- Isso é algo que você aprecia?
- Está contente com isso?
- Como se sentiu quando aconteceu?
- Você dá valor a isso?

Inúmeras atividades relacionadas à educação física poderão ser realizadas baseando-se no QUADRO 2. Para maiores detalhamentos, pode-se consultar Puig (1998).

Há que se lembrar que uma educação calcada em princípios éticos não pode basear-se somente na heteronomia, mas deve, antes de tudo, converter-se em um âmbito de reflexão individual e coletiva, que permita ao aluno elaborar, racional e de forma autônoma, princípios gerais de valor que o ajude a defrontar-se criticamente com realidades como a violência, especificamente o *bullying*.

Outras estratégias relevantes para a prevenção desse fenômeno seriam a elaboração e a utilização, em aulas de educação física, de materiais impressos, como livros infantis, infanto-juvenis, gibis ou literatura de cordel, que discutam criticamente o *bullying*. Tais materiais, além de excelentes recursos pedagógicos, têm uma maior disseminação entre as crianças.

Como estratégia didática para prevenção do *bullying*, cabe, ainda, destacar que:

“O professor deve ter cuidado para não se converter em agressor, entrando, assim, em sintonia com os praticantes do *bullying*. Para isto deve atentar para algumas situações, como: a forma de fazer as correções pedagógicas para não ridicularizar ou rotular alunos; evitar depreciações quanto ao rendimento deles; mostrar preferência por alguns e indiferença a outros;

fazer ameaças, perseguições e comparações entre eles; colocar apelidos pejorativos, dentre outras posturas inadequadas” (Chaves, 2006: 152).

E o que se deve fazer com aqueles casos de *bullying* (ignorados pelo corpo docente) que aparecem no horário do recreio?

O recreio é um período que os professores utilizam para seu descanso ou para preparar materiais das próximas aulas, devendo-se lembrar que, durante este período, muitos alunos podem praticar, sofrer e testemunhar ações de *bullying*, além de muitos terem lesões graves (como fraturas) e, também, brigarem, muitas vezes como resultado da prática de atividades físicas desorientadas. Por isto, considera-se essencial discutir com os alunos, durante as aulas de educação física, algumas ações de prevenção. Além disso, é importante que todos os docentes e funcionários da escola elaborem estratégias para evitar estes problemas. A seguir, estão descritas algumas estratégias:

- Identificar os alunos em risco, evitando que se tornem vítimas e/ou agressores (Marques et al., 2006: 92);
- Identificar situações que poderão provocar o aparecimento de comportamentos negativos (Marques et al., 2006: 92);
- Criar mais de um horário de recreio, visando dividir o número de turmas;
- Realizar atividades orientadas; e
- Evitar que os alunos realizem atividades físicas de forma intensa, agressiva e sem supervisão (como jogar futebol, correr e realizarem brincadeiras de luta).

CONCLUSÕES

No âmbito internacional, as estratégias de combate ao *bullying* estão mais consolidadas nas escolas e, também, mais desenvolvidas no contexto acadêmico.

Todos os projetos e programas educacionais brasileiros que combatem e previnem a violência escolar, até onde esta pesquisa avançou, dão maior enfoque à violência explícita. Na realidade, ainda são reduzidos os programas educacionais que objetivam atuar sobre o fenômeno *bullying*.

Para que as estratégias de intervenção do *bullying* sejam eficazes, devem ser incluídos, além dos alunos, o corpo docente, os funcionários da escola, os familiares e a comunidade do entorno.

Na área da educação física, não há indícios da existência de programas educacionais brasileiros voltados para a identificação, prevenção e controle do *bullying* em ambiente escolar. Conseqüentemente, a literatura científica nacional ainda é escassa.

O professor de educação física deverá iniciar estratégias para prevenção deste problema desde a educação infantil, uma vez que “a literatura estrangeira mostra que, quanto mais precoces sejam as intervenções, melhores são os resultados quanto à redução e ao controle de *bullying* nas escolas” (Lopes e Saavedra, 2003: 119).

Uma vez iniciadas, na educação infantil, estas estratégias de prevenção e de controle ao *bullying* deverão acompanhar o estudante pelas etapas de ensino fundamental e médio, sendo inseridas como conteúdo específico da disciplina de educação física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLONE GJ. Maldade da infância e adolescência: bullying. PsiqWeb 2005. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=372&sec=20>>. Acesso em: 20 jan 2007.
- BEAUDOIN MN, TAYLOR M. Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BELTRÃO FB, MACÁRIO NM, BARBOSA LLS. Motricidade e educação para paz. Rio de Janeiro: Shape/Selo CONFEEF, 2006.
- BESSA M. Discutindo a agressão nos colégios: entrevista com Aramis Lopes Neto - 2004. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=176>>. Acesso em: 26 fev 2007.
- CATINI N. Problematizando o bullying para a realidade brasileira. Tese de Doutorado em Psicologia. Campinas: PUC-Campinas, 2004.
- CAVALCANTI M. [Como lidar com brincadeiras que machucam a alma](#). Revista Nova Escola 2004;178:58-61.

CHAVES WM. Fenômeno bullying e a educação física escolar. Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói: UFF, Departamento de Educação e Desportos, 2006: 149-54.

CLEARY M. Bullying information for schools. Disponível em: <http://www.police.govt.nz/service/yes/nobully/bullying_info.pdf>. Acesso em: 15 mar 2007.

CONSTANTINI A. Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

FACHIN O. Fundamentos de metodologia. 3ªed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FANTE C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FARIA JUNIOR AG, FARIA EJC. Didática de educação física. In: FARIA JUNIOR AG et al., organizadores. Uma introdução à educação física. Niterói: Corpus, 1999; 341-83.

FIGUEIRA IS. Bullying: o problema do abuso de poder e vitimização de alunos em escolas públicas do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento da Criança. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, 2002.

LOPES NETO AA, SAAVEDRA LH. Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

MARQUES AR, FERREIRA NETO CA, PEREIRA B, ÂNGULO JC. Bullying no contexto escolar: jogo e estratégias de intervenção. Cinergis 2005; 6(1):81-95.

OLIVEIRA FF, VOTRE SJ. Bullying nas aulas de educação física. Movimento 2006;12(2):173-97.

PROGRAMA DE REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE ESTUDANTES - 2005. Disponível em: <www.bullying.com.br>. Acesso em: jul 2005. Programa desenvolvido pela Abrapia.

PUIG JM. Ética e valores: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

RODRIGUES A, ASSMAR EML, JABLONSKI B. Psicologia social. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMONS R. Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas. São Paulo: Rocco, 2004.

TRIVIÑOS ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO MJG, MAYNARD K. Esporte e cultura de paz. Rio de Janeiro: Shape/Selo CONFEEF, 2006.

WEBSTER'S. New Collegiate Dictionary: a Merriam-Webster. Springfield, Estados Unidos: G. & C. Merriam, 1973.

Endereço para correspondência:

Universitat Autònoma de Barcelona
Facultat de Ciències de l'Educació
Departament de Didàctica de l'Expressió Musical, Plàstica i Corporal
Edifici G6 Despacho 168
Bellaterra (Cerdanyola del Vallès)
Barcelona - Espanha
CEP: 08193
e-mail: rafaelgbotelho@ig.com.br